

## A ÉTICA NA MEDIAÇÃO DA LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

### ETHICS IN MEDIATION OF THE READING IN THE SCHOOL LIBRARY

*Sueli Bortolin<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O trabalho aborda os princípios éticos, a responsabilidade e o comportamento ético dos mediadores de leitura frente aos alunos na escola e na biblioteca escolar. Destaca a importância da estrutura e de ações na biblioteca escolar visando levar o leitor a reconhecer esse espaço como um local de convivência diária e a construir significados positivos da biblioteca escolar no seu imaginário. Defende a mediação da literatura de forma presencial, porém não deixa de mencionar que o acervo da biblioteca escolar, na atualidade, deverá ser composto de textos em diferentes linguagens e suportes. Ao destacar os mediadores de leitura, alerta que ele é imprescindível num país em que o percentual de leitura ainda não é satisfatório.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação da leitura. Biblioteca escolar. Ética.

**ABSTRACT:** The work addresses the ethical principles, the responsibility and the ethical behavior of agents read front students in school and in the school library. Stresses the importance of the structure and actions in the school library to lead the reader to recognize this area as a place of daily living and to build positive meanings of school library in your imagery. Defends the mediation of literature in a way but not face-to-face mention that the school library, in the news, should be composed of texts in different languages and media. To highlight reading agents, warning that it is essential in a country where the percentage of reading is not yet satisfactory.

**KEYWORDS:** Mediation of reading. School library. Ethics.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Informação. Professora da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: bortolin@uel.com

## 1 Considerações iniciais

Toda comunicação é um projeto de escuta. Nosso corpo comunica. Nesse instante escuto as fortes batidas do meu coração porque falei de ideias que acredito com muita intensidade. Estou também escutando vozes dentro da minha cabeça que vieram dos meus antepassados, mas também tiveram origem nos autores que li e ouvi durante os meus 30 anos de profissão como bibliotecária. Anos que foram vividos muito pouco no espaço da escola, mas plenamente em diferentes espaços educacionais, isso, porém, não significa que minha percepção de uma biblioteca escolar seja estreita e alienada. Acompanho de perto, de várias formas (visitando, discutindo e pesquisando) esse gênero de biblioteca. Biblioteca que me desperta várias preocupações, porém na atualidade a principal delas é: qual a contribuição dos mediadores de leitura na construção de significados da biblioteca escolar no imaginário infantil?

Para responder isso, devemos pensar em algumas vivências infantis, dentre elas: quando uma criança vai ao *shopping* ela tem contato com cheiros, luzes, cores, sons e outras manifestações, geralmente prazerosas, que a levam a acreditar que esse espaço é alegre, divertido e é bom permanecer nele. Quando ela vai à igreja, se não encontra um espaço com todas essas características, descobre que nele há, em geral, um clima de fraternidade, em alguns casos até as pessoas se tratam de *irmãos*; portanto, um espaço possível de relações afetivas. Se ela vai a um parque de diversão, ganha um *passaporte* de liberdade para escolher a emoção que quer sentir: medo, alegria, surpresa, excitação. Decide quanto tempo quer ficar num brinquedo e se quer utilizá-lo várias vezes; assim tendo seu desejo recreativo respeitado e atendido.

Com essa maneira de pensar e por avaliar que a biblioteca escolar é fundamental na vida do educando pergunto: há na biblioteca escolar luz, cor, som, alegria, emoção, divertimento, afetividade e liberdade?

Na tentativa de responder essas questões, o presente trabalho se apoiará em publicações das áreas de Biblioteconomia, Pedagogia, Filosofia e Letras. Com ele tenho a intenção de partilhar reflexões e ideias.

## 2 Palavras escolhidas

As palavras exercem em mim um fascínio inebriante e são elas que nortearão nossa conversa, em especial, as que estão no título desse artigo: ética, mediação da leitura e biblioteca escolar.

Nesse instante tenho uma grande responsabilidade na escolha das palavras, pois vou conversar com mediadores de leitura. Acredito que vou conversar também com professores universitários, profissionais que formam mediadores de leitura, portanto, têm a responsabilidade ampliada, porque cabe a eles despertar nos acadêmicos, entre outros, de Biblioteconomia, Letras e Pedagogia o interesse em atuar, e atuar bem, como mediadores de leitura, visando à formação de leitores em diversas faixas etárias.

Começarei falando da palavra ética, mas, para que o leitor não seja surpreendido, preciso avisar que *no meio do caminho tem palavras literárias, tem palavras literárias no meio do caminho*, pois *bordei* em nossa conversa alguns trechos do livro infantil *Ave Alegria* de Sylvia Orthof. Livro que começa assim:

Ave alegria,  
cheia de graça,  
o amor é contigo,  
bendita é a risada  
e a gargalhada!

Ave paisagem  
verde-verdura,

e a beleza da natureza!  
Bendita seja!

A temática ética é uma preocupação constante no meio acadêmico e está presente em incontáveis pesquisas, então eu pergunto: o que é ética?

Definir ética não é uma tarefa simples, principalmente na atualidade quando tem sido utilizada como sinônimo de moral. Para La Taille (2010, p. 108):

Há de se notar que, hoje em dia, assistimos a uma valorização da palavra “ética” em detrimento da palavra “moral”. Eis a avaliação crítica que Spitz (1995) faz dessa preferência: “Esse termo (ética), que tomou uma importância cada vez maior, veio para aliviar o inextricável embaraço daqueles que desejariam falar em moral sem ousar pronunciar esta palavra” (p. 149). Eis um diagnóstico convincente!

Concordo que é convincente esse argumento, principalmente porque também percebo no meio acadêmico certo pudor em falar de moralidade, talvez porque essa palavra está fortemente atrelada às instituições religiosas e a uma postura beata.

Assim, em virtude das controvérsias encontradas fiz investigações em dicionários especializados e encontrei no *Dicionário básico de Filosofia* de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes dois verbetes: a) ética: “greg. *ethike*, de *ethikós*: que diz respeito aos costumes.” (1996, p. 93); b) moral: “lat. *moralis*, de *mor-*, *mos*: costume” (p. 187).

Apesar das palavras ética e moral desembocarem no mesmo termo, “costume”, elas não são, segundo os autores, sinônimas, pois

diferentemente da *moral*, a ética está mais preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme à sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-la. A moral está mais preocupada na construção de um conjunto de prescrições destinadas a assegurar uma vida em comum justa e harmoniosa. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 93).

Após assumir, em companhia desses autores, uma diferenciação entre ética e moral, preciso agora estabelecer uma relação entre a ética e a mediação de leitura. Antes, porém, quero dizer que conceituo mediação de leitura literária como a interferência casual ou planejada visando a levar o leitor a ler literatura em diferentes suportes e linguagens.

Destaco ainda a minha crença de que todos, de forma consciente ou inconsciente somos mediadores de leitura, até num ato simples como o que estou fazendo neste instante, isto é, incluindo literatura numa revista científica.

Pensando dessa forma, tenho nos últimos anos trabalhado em defesa da mediação oral da literatura que, na minha acepção, é “toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de textos literários seja por meio da *voz viva* ou da *voz mediatizada*.” (BORTOLIN, 2010, p. 136).

Dentre as atividades de narração literária que podem ser enquadradas na mediação oral da literatura cito: narrativas orais de textos diversificados, colagens poéticas, rodas de leitura, clubes de leitura, montagens de jograis, leituras públicas de textos (em hospitais, praças, ônibus, restaurantes, rádio e televisão), saraus literários, bate papo com escritores, oficinas de produção e leitura de textos, festivais de filmes, entrevistas com pioneiros, realização de encontros com repentistas e cordelistas, cantorias, sessões de piadas, causos, adivinhações, parlendas, trava-línguas etc.

O mediador oral poderá trazer para o cotidiano da comunidade escolar práticas de mediação oral da literatura, comprovando a importância de encontros em torno de textos literários das mais diferentes espécies e com as mais diversificadas temáticas, pois cabe aos profissionais da biblioteca também resgatar narrativas coletivas e se envolver com os grupos que estão sob a sua responsabilidade.

Pensar que somos potencialmente mediadores de leitura talvez seja algo corriqueiro, mas será que somos éticos no momento da mediação? Na biblioteca escolar, por exemplo, damos liberdade ao nosso leitor para escolher o que quer ler?

Salve a justiça  
e a liberdade!  
Salve a verdade,  
a delicadeza  
e o pão sobre a mesa!  
Abaixo a tristeza!  
Ave alegria!

Qual delicadeza? Do leitor e do mediador? Delicadeza do leitor ao se adentrar no texto e do mediador no seu posicionamento empático frente ao leitor, pois ao se colocar no lugar do outro (o mediando) terá condições de perceber esse outro com maior nitidez.

A empatia é um comportamento ético! Defendo isso, em especial com a criança, um indivíduo em formação.

Ave a pastora  
do pastoril!  
Salve o pastor,  
ave e flor,  
fruto e semente!  
Ave a criança,  
pessoa-gente!

Ave o boi  
do boi-bumbá!  
Salve a burrinha  
que veio bailar!

Ave alegria,  
cheia de graça!  
Pois numa taba  
de uma aldeia  
nasceu agora  
uma criança.

Ave a criança,  
que nela eu creia!

Criança que creio, na maioria das vezes, está desejosa de encontrar um texto e disposta a receber esteticamente uma obra, isto é, sentir o gosto por ela. Gosto na mesma concepção propagada por Martins (1986, p. 380) quando se refere a uma obra de arte.

ter capacidade de julgamento sem preconceitos. [...] À medida que o sujeito exerce a aptidão de se abrir, desenvolve a aptidão de compreender, de penetrar no mundo aberto pela obra. Gosto é, finalmente, comunicação com a obra para além de todo saber e de toda técnica.

A criança nem sempre sabe fazer isso, pois o indivíduo não nasce sabendo e aprenderá no decorrer da vida com os diferentes mediadores, entre eles o mediador de textos de literatura; que necessita deixar de ser mero promotor da recepção, sendo *modelo* cotidiano para os seus mediados. Lembro que *ser modelo* não é ler quantitativamente. *Ser modelo* é ser respeitoso, sem ser hipócrita (tudo é belo e tudo é bom). É ser orientador, sem ser autoritário e assim por diante. Esse também é um comportamento ético!

Infelizmente quando as pessoas, em sua maioria, pensam em ética, lembra-se de ações materiais ou financeiras, principalmente de gestores públicos: desvios de verba, corrupção; sendo raro, por exemplo, pensar nas diferentes condutas na escola, entre elas omissões, desrespeito, comodismo que levam o educando ao desgosto e não o gosto em ler literatura.

As relações na escola, ou em outro agrupamento social, têm em seu âmago um valor ético e

o valor ético por excelência é o Bem. De saída, podemos perguntar o bem de quem? É possível encontrar o bem comum, o bem para todos os membros de um grupo? Ou será que o bem de uns é necessariamente o mal de outros? O bem é a razão, é a felicidade, é o prazer? É um valor transcendente? Universal? (MARTINS, 1994, p. 3).

Um mediador de leitura, até pelas suas atribuições, acredita que ler é um bem, isto é, enriquecimento pessoal. Isso não quer dizer que quem lê pratica o bem (para si ou para os outros). Os mediadores acreditam que ler é bom, mas não podem ser ingênuos em acreditar que toda leitura é boa, todo texto é bom, todo escritor é ético.

Então falar de ética é falar em conduta e em comportamento. É falar em ética pessoal que nos leva a pensar em ética profissional, ética que reflete na ética social. Em que situação nosso comportamento deve ser ético? Resposta única: em todas as situações da vida pessoal. Na vida profissional não pode ser diferente, pois não é possível separar a ética pessoal da ética profissional.

Assim, devemos ser éticos com as pessoas que estão sob os nossos cuidados (não importa em que instituição e nem em que faixa etária) e que têm o direito à leitura e à literatura, afinal

lemos literatura para quê? Para nada, paradoxalmente. Contudo, a ficção nos convoca a repensar-nos e à vida. Um ensaio. Não há regras nem respostas definitivas propostas em um conto, crônica, romance, poema que se pretenda sobreviver a quem o escreveu. (YUNES, 2012, p. 14).

Na escola é necessário ser ético não exigindo de uma sala de alunos uma *interpretação* uníssona, pois mesmo o crítico que, em geral, é um especialista,

jamais pode demonstrar, de maneira decisiva, se a obra do escritor é ou não “definível”, se essa obra é ou não passível de ser definitivamente interpretada. O crítico não pode pôr em ordem a confusão de linhas de significados, desembaraçar os seus fios de modo que eles brilhem claramente lado a lado. Ele só pode retrazar o texto, colocar uma vez mais em movimento os seus elementos [...]. (MILLER, 1995, p. 44).

Nem exigir, como se faz comumente, que o leitor, principalmente no início da sua formação, leia apenas as obras clássicas. A respeito desse assunto, Silva (2006, p. 76) disserta:

geralmente na escola de ensino fundamental a escolha inicial dos livros tem como parâmetro autores conceituados nas “rodas acadêmicas”, mas que pouca gente, inclusive o professor, leu. Esses livros são os chamados “clássicos”, pois são de autores consagrados, de no mínimo 50 anos atrás, cuja linguagem possivelmente é mais elaborada, entre outros aspectos. Portanto, essa obra exigirá um leitor mais experiente e, se for introduzida sem levar em conta o nível de compreensão do leitor, poderá afastá-lo, ao invés de trazê-la à leitura. (SILVA, 2006, p. 76).

O estabelecimento de obras canônicas a serem lidas, obras muitas vezes inatingíveis em sua compreensão, principalmente porque foram *escolhidas* pelos *escolhidos*, que acabam por ditar o que e em que fase da vida o leitor deverá ler; é prejudicial para a formação do leitor.

Essa intimidação, em muitos casos, pode provocar uma reação de desprezo (temporário ou não). O mediador precisa compreender que muitas vezes o leitor, para ler uma determinada obra, carece de uma base cultural e informacional anterior, mas, infelizmente, a *ignorância* de muitos

mediadores não permite que tenha essa percepção, afetando a capacidade de diálogo entre ele e o leitor.

Miller (1995, p. 68) adverte que os livros canonizados “permanecem nas bibliotecas e nas livrarias, em nossas próprias prateleiras em casa, como inúmeras bombas-relógios não detonadas, prontas para explodir quando acontece a conjunção da obra com o seu [...] leitor.” Vale acrescentar que essas “bombas” são acionadas no momento em que o leitor quiser e com intensidade desejada, portanto diferente em cada leitor, sem um padrão predeterminado.

Também é antiético criar barreiras no acesso aos mais diversificados textos. No início da minha carreira só poderia emprestar o livro *Eu Christiane F., 13 Anos drogada prostituída* de Kai Hermann com uma autorização por escrito e assinada pelos pais dos leitores menores de 18 anos. Lembro também do livro *Sexo para adolescentes* de Marta Suplicy, lançado no final da década de 80, que em algumas bibliotecas escolares não ficava liberado na estante e sim sob a guarda dos profissionais que trabalhavam nelas.

Não é ético também menosprezar as crianças em sua inteligência, interrompendo uma narrativa para explicar palavras e trechos de uma obra. Esse comportamento é resultado de uma leitura desatenta e equivocada, por parte do mediador, do seu grupo de leitores, além de demonstrar uma proteção desnecessária, visto que o leitor tende a apropriar-se de um determinado texto, entendendo-o também pelo seu contexto.

Outro equívoco e desrespeito é a aquisição de livros para a biblioteca da escola priorizando a quantidade e o valor financeiro e não a qualidade literária. Por comodismo ou falta de oportunidade de frequentar livrarias e editoras, muitos professores compram livros com edição duvidosa, na *porta* da escola, durante a visita de vendedores de livros ambulantes.

É de praxe também colocar na parte mais alta das estantes os *pop-up books* que ao abri-los formam castelos ou animais que encantam as crianças, mas que custam caro; portanto, para não estragar ficam longe do alcance das crianças.

O mesmo pode ser dito da censura nada velada de determinadas obras, para não desagradar pais e demais familiares; ou pior que isso, por medo de encarar determinados desafios e polêmicas. Perdendo a oportunidade de aproximar os pais e educadores, levando-os a discutir problemas e preconceitos.

Isso pode estar atrelado a pouca leitura e discussões a respeito de temas polêmicos (pedofilia, estupro, homossexualidade etc) e o despreparo do professor e do bibliotecário escolar em estabelecer uma política de desenvolvimento de coleções, que é o documento em que se definem critérios para aquisição e descarte de obras de uma biblioteca.

Outra postura fundamental, porém inexistente nas bibliotecas escolares, é o encaminhamento de projetos para editais de órgãos públicos, privados ou agências de fomento, captando verbas para melhorias do espaço, do acervo e das realizações na biblioteca escolar.

Em termos administrativos, é antiético, ao ocupar cargos decisórios na escola, não contribuir e não estimular a idealização de projetos de leitura que possam contribuir com a formação e a manutenção de leitores.

Uma iniciativa positiva nesse sentido é a inclusão de programas de leitura no Projeto Político Pedagógico (PPPs) como forma de garantir projetos integrados às diferentes disciplinas e centralizados na biblioteca escolar. Essa integração objetiva estabelece parcerias com diferentes profissionais que juntos poderão construir uma concepção mais ampla de leitura, visto que a responsabilidade de formação de leitores não é apenas dos professores de português e artes. Acredito que postura como essa contribui para que a equipe da escola não se feche dentro das quatro paredes da sala de aula ou da biblioteca.

Os profissionais que atuam na biblioteca escolar devem estabelecer limites para as crianças e adolescentes, mas é preferível que isso ocorra sem autoritarismo, para que nesse espaço possa *reinar* a liberdade, a imaginação, a dúvida, a curiosidade e que esse público possa maravilhar-se com diferentes descobertas. Avalio que algumas atitudes são coercitivas como estabelecer prazos rígidos

de empréstimo e devolução de livros sem a preocupação com o ritmo dos leitores.

Cobrar multas por atraso de entrega de obras, também não me parece uma postura que possa contribuir com a construção de significados positivos no imaginário infantil acerca da biblioteca escolar. Além do mais, minha avaliação é que essa não é uma forma de educar.

Nessa mesma linha de comportamento algumas bibliotecas escolares criam uma competição quantitativa entre as crianças (o aluno com maior número de empréstimo durante o ano é premiado), sem ter uma real avaliação do que elas realmente leem, além de antiética, é desigual, é antipedagógica.

Retomando a preocupação apresentada no início do trabalho, ou seja, a construção de significados de uma biblioteca escolar no imaginário infantil, é fundamental destacar que o mediador precisa trabalhar também no sentido de discutir a criação e a adaptação de espaços de leitura, exigindo que ele seja idealizado de forma a acomodar com *respeitabilidade* o acervo (livros, periódicos e diversificadas mídias), os leitores e as atividades. Para que a biblioteca escolar seja um espaço de discussão do que foi lido pelo aluno, por exemplo, numa roda de conversa.

Na fase adulta somos influenciados, em nossas leituras, por um amigo e mais fortemente pela mídia. Na infância, porém, é necessário que a criança esteja rodeada de diferentes mediadores, entre eles: familiares, professores, bibliotecários, escritores, editores, livreiros, distribuidores de livros, jornalistas, artistas, isto é, por aqueles que saibam puxar o fio que conduz à literatura. Porém, cuidado: literatura não é para ser explicada, mas sentida! Literatura não deve ser pretexto para ensinar, mas sim motivo para partilhar.

Partilha no sentido de dividir impressões. Sentimentos que somados ao de outro leitor influencia a nossa formação literária, cultural e social.

Ave os três reis  
que têm três raças!  
Ave a igualdade  
e a alegria,  
cheias de graças!

Ave o rei negro  
e o negro rei,  
e a realeza de um judeu!  
Ave o rei branco  
e o branco rei!  
Ave o rei homem,  
ave a mulher,  
sempre rainha!  
Ave o índio,  
a indiazinha!  
Ave o amarelo  
oriental!  
Ave a igualdade racial!

Quando partilhamos um texto lido, o comportamento ético é que, ao evidenciar nosso acervo pessoal respeitando o do outro, acrescentemos em nós, e no outro, uma nova fração de literatura.

Pensando na capacidade da literatura de confirmar a humanidade do homem (CANDIDO, 1972, p. 803) e na responsabilidade ética de um mediador de literatura, me aproprio da argumentação de Aranalde (2005, p. 345), pois acredito que contribui com as reflexões até aqui apresentadas.

O caráter de uma pessoa depende de suas ligações com o mundo e com a noção compartilhada de ser necessário aos outros. O caráter mede-se por traços pessoais aos quais damos valor em nós mesmos e através dos quais buscamos que os outros nos valorizem. Assim, revela-se como algo que tem valor duradouro, como, por exemplo, confiança, responsabilidade mútua e compromisso. Sua formação se

processa por uma espécie de educação sentimental. A solidariedade, por exemplo, é considerada um sentimento ético que se revela quando se compreende os sofrimentos e tensões dos outros, ou seja, é o que o senso comum chama de “colocar-se no lugar do outro”.

Esse comportamento não é incomum, pois no momento em que lemos um texto literário, quase sempre sofremos, choramos, amamos, odiamos, isto é, nos solidarizamos com os personagens. *Colocar-se no lugar do outro* também deve ser uma atitude do mediador que ao se colocar no lugar do leitor (empatia), se integra e entrega efetivamente ao texto, aos personagens e ao mediando. Essa postura faz o mediador compreender por que o leitor aceita ou rejeita determinado personagem e a ambiguidade de sentimentos que ele lhe desperta. Isso é saudável e é ético. E é fundamental também ocorrer na biblioteca da escola.

As expectativas em torno da biblioteca escolar na atualidade não estão restritas apenas ao empréstimo de livros e à pesquisa, hoje essa biblioteca deve ser pensada como espaço de diferentes mediações e de convivência diária para que seu usuário tenha, estando nela, o desejo de permanência e de pertencimento.

Nesse sentido Bicheri (2008, p. 20) adverte:

hoje, em função do avanço tecnológico as atividades de biblioteca escolar não se restringem ao espaço da escola, extrapolando seus muros e chegando a outros ambientes onde se encontra a comunidade escolar. [...] O senso comum percebe a biblioteca como local onde se organiza, conserva e disponibiliza livros. Não está errado, porém é importante lembrar que à medida que surgem novos suportes de informação e documentação a biblioteca precisa se atualizar e alterar sua atuação na sociedade. Isso tem acontecido, mas não tem sido dado a conhecer o suficiente.

Nos últimos anos as experiências têm demonstrado que as crianças e os jovens, em especial, denominados *nativos digitais*, estão lendo por meio das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Na biblioteca de uma escola particular de Marília - SP, a bibliotecária Lucirene Andréa Catini Lanzi, tem dinamizado esse espaço com diferentes atividades, entre elas a hora do conto utilizando o *tablet*.

Que pequeno leitor resiste à magia de livros que podem ser coloridos e depois apagados, para então ser coloridos novamente ou em que é possível mover objetos com o chacoalhar da tela, compor música, ver peixinhos nadando ou até derrubar a casa dos Três Porquinhos com um sopro? Com recursos sedutores e fáceis de usar, os tablets proporcionam à leitura níveis até aqui impensáveis de dinamismo e interatividade - uma forma excelente de despertar nos pequenos o interesse por essa atividade. Os estímulos de novos elementos sensoriais, como sons e movimentos, ajudam a atrair a atenção da criança à narrativa. (LANZI, 2011, p. 12).

Preciso comunicar que eu prefiro a mediação da literatura de maneira presencial e com o uso da *voz viva*, mas é um equívoco resistir os modos de propagação literária realizado por diferentes mídias: CDs, CDs-Rom, audiolivro, *tablet*, recursos da internet e todos os gêneros de telefone.

### 3 Considerações finais

A escola, seja pública ou privada, diferentemente de outras corporações, deveria, por questões de princípios, rechaçar o clima de competitividade exacerbado entre seus membros, porém não é isso o que acontece na maioria das vezes. É comum ouvir, no ambiente escolar, um profissional desqualificar o trabalho do outro ou evidenciar a importância do seu cargo em detrimento do outro.

No entanto, um pensamento oposto deve ser construído, pois mediar literatura na escola é uma responsabilidade coletiva. Efetivar o acesso à leitura, num país que precisa diminuir seus índices de analfabetismo e ampliar seus índices de domínio leitor é tarefa para todos.

Fora da escola dependemos de políticas públicas e precisamos cobrá-las constantemente.



Dentro da escola precisamos de iniciativas plurais, sem desperdiçar experiências e relatos da comunidade interna e externa, por exemplo, principalmente daqueles oriundos de regiões longínquas, de culturas incomuns, de línguas inabituais, fora da mesmice cotidiana, ampliando os horizontes do leitor.

Devemos fazer isso para construir significados da escola e da biblioteca escolar na imaginação das crianças. Voltando aos elementos listados na primeira sessão desse trabalho, isto é, luz, cor, som, alegria, emoção, divertimento, afetividade e liberdade, começo pelos elementos objetivos: quando falo em luz, penso em dois sentidos, levar à luz (conhecimento de si e dos outros) e iluminação física para que o leitor possa realizar suas leituras com conforto visual e sem dificuldades perceptivas.

Ao falar de cor, penso que no espaço de leitura não pode ser utilizadas cores apáticas (sem vida), mas também penso não serem convenientes cores berrantes que podem irritar os alunos, levando-os a não desejarem permanecer no ambiente.

Quanto ao som, quero dizer que as vozes trancafiadas nas obras, devem ser lidas, declamadas, isto é, compartilhadas em atos *vivos* e dinâmicos. Observando os leitores, percebo, em especial, entre os adolescentes, o desejo de partilhar o lido; porém nem sempre conseguem interromper o silêncio reinante nas bibliotecas.

Abordando agora os elementos de cunho de subjetivo, como a alegria, a emoção, o divertimento, a afetividade e a liberdade, penso ser necessário aos mediadores propiciar condições para que o leitor vivencie diferentes sensações de forma que ele se sinta bem, também na biblioteca escolar.

Estando esses elementos entre as preocupações dos mediadores, o espaço e os profissionais que nela trabalham, acredito que será possível praticar a sementeira da leitura literária diariamente.

Ave o gesto  
de quem semeia!  
Ave a terra  
bem dividida!  
Agora,  
é a hora  
da nossa  
VIDA!

Ao chegar nesse ponto do texto, busco na minha memória o que me levou a persistir no trabalho de formação de leitores e também de formação de mediadores de leitura.

Encontrei a resposta num texto que escrevi e ofereci para publicarem na *TV CEM em Revista* da Secretaria de Educação do Município de Londrina. Era um texto-carta-convite que eu remetia aos professores no anseio de convidá-los a entrar comigo nessa seara. Posteriormente ele foi adaptado e recebeu o título - Lê Bibliotecário!

## **LÊ PROFESSOR!**

Durante os anos de exercício da minha profissão, convivi com muitos professores e sempre ouvi a mesma indagação: *o que fazer para despertar o gosto pela leitura?*

Parece simplório, mas só tenho uma resposta:

- Não há uma receita pronta para essa árdua, porém instigante tarefa. Se houvesse, era só seguir e “colocar no forno”. No entanto, existem algumas ideias que os mediadores de leitura devem refletir e por em prática cotidianamente. A primeira delas é quase uma obrigação - LÊ PROFESSOR! Pois antes de se pensar em levar alguém a se interessar pela leitura, é primordial ser leitor para que, desta forma, venha a contagiar outros leitores.

Não deixe que, na sua Escola, a leitura seja relegada a uma simples complementação curricular. Elabore multidisciplinarmente um programa de estímulo à leitura de maneira sequencial

e não eventual. Aprenda a “ler” os seus leitores, perceba as suas expectativas e interesses. Deixe o seu conhecimento, a sua sensibilidade e o seu bom senso fluírem no momento do planejamento das atividades a serem realizadas em sala de aula, pois nem tudo o que se faz em nome da leitura, leva à leitura.

Torne a leitura literária algo prazeroso, sem a obrigatoriedade de notas e avaliações, para que você possa eliminar os condicionamentos mecânicos de seu leitor e levá-lo a um verdadeiro *adentramento* no texto.

Proponha textos atuais que despertem a atenção de seu leitor, para que ele realmente *curta* o que está lendo e deseje ler independentemente das tarefas escolares.

Esqueça os seus preconceitos, deixe a leitura ser plural. Faculte ao leitor o acesso às mais variadas leituras, respeitando as suas fases e seu ritmo. Faça-o perceber que, acima de tudo, leitura é algo *vivo* e divertido.

Quando você conseguir tudo isto, poderá perceber que a inquietação sobre o despertar para o gosto da leitura continuará existindo, pois você estará buscando novamente, para e com os leitores, novos textos e novas informações sobre a leitura.

E sem que você perceba (pois estará envolvido com novas ideias) formará leitores enriquecidos e com uma visão mais ampla do mundo e de si mesmos.

Você pode estar pensando: tudo isso é um sonho!? E novamente, eu só tenho uma resposta:

*Aqueles que sonham acordados têm conhecimento de mil coisas que escapam àqueles que sonham apenas adormecidos. Em suas brumosas visões, apanham lampejos da eternidade e ao despertarem têm arrepios ao ver que estiveram por um instante às margens do grande segredo.* (Edgard Allan Poe).

## REFERÊNCIAS

ARANALDE, Michel Maya. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. *Em questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 337-368, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/124>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. *A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação*. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

BORTOLIN, Sueli. *Lê professor! Tv Cem em Revista*, Londrina, v. 4, n. 9, p. 8, 1999.

BORTOLIN, Sueli. *Mediação Oral da Literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando*. 2010. 232 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

LANZI, Lucirene Andréa Catini; FERNEDA, Edberto; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borzetti Gregorio. 2011. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., Londrina. *Anais eletrônicos...* Londrina: UEL, 2011. p. 1-18.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARTINS, Maria Helena Pires. A ética em questão. *Palavra-chave*, São Paulo, n. 8, out. 1994,

MILLER, J. Hillis. *A ética da leitura: ensaios 1979-1989*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

ORTHOF, Sylvia. *Ave alegria*. São Paulo: FTD, 1989.

SILVA, Rovilson José da. Formar leitores na escola. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006.

YUNES, Eliana. Introdução: leitura e ética ou A ética da leitura. In: VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, 2012. p. 13-14.

ZILBERMAN, Regina. O escritor lê o leitor, o leitor escreve a obra. In: SMOLKA, Ana Luiza B. et al. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

Recebido em setembro de 2012.

Aprovado em outubro de 2012.

